

**A AMÉRICA PARA OS AMERICANOS? AS NARRATIVAS VISUAIS DO
CONTINENTE AMERICANO NAS CAPAS DA *NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL*
(2000-2011)**

Ana Carolina Schuhli
Universidade do Estado de Santa Catarina
anaschuhli@gmail.com

Ana Paula Nunes Chaves
Universidade do Estado de Santa Catarina
ana.chaves@udesc.br

Resumo

A pesquisa apresentada neste resumo problematiza a cultura visual por meio das fotografias difundidas nas capas da revista *National Geographic Brasil*. O continente americano foi eleito como tema para refletirmos sobre a educação visual subjetivada nas fotografias que, além de dispositivos para exemplificação do continente, atuam também como disparadores para pensarmos a montagem como outra forma de representação. Visamos investigar de que maneira as representações visuais destas fotografias nos educam e colaboram na promoção de um determinado imaginário geográfico. A seleção do material ocorreu pelo Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entre o início das publicações da revista, em maio de 2000, e o último periódico disponível pela plataforma até o momento da pesquisa, datado de dezembro de 2011. Ao considerar apenas as capas que mencionam locais e fotografias da América, quantificamos e analisamos 26 capas fotojornalísticas. Identificamos que há uma concepção de imaginário que direciona o olhar para uma noção de progresso, avanço e civilidade no que tange às localidades estadunidenses, criadores da revista. Em contrapartida, as demais nacionalidades são comumente tratadas em uma visão subalterna e inferior. A imagem do outro nas fotorreportagens da National Geographic Magazine nos direciona a entender que há uma cultura atrasada, rural e arcaica e, por vezes, exótica e diferente da identidade estadunidense.

Palavras Chave: Imaginários geográficos; Cultura visual; Educação geográfica.

Apresentação

Os estudos sobre o uso de imagens e a construção de imaginários geográficos vêm ganhando destaque na última década, despertando uma virada visual na geografia e uma maior atenção no modo de enxergá-la (Chaves, 2020; Chaves, Policastro, 2021). A geografia é uma das ciências em que mais utilizamos o sentido da visão para análises, sobretudo, através de fotografias, mapas, gráficos, imagens de satélite e outros dispositivos que atuam como forma de exemplificação de conteúdos e/ou disparadores para pensarmos outras formas de representação. Conforme dialogam Hollman (2014), Azevedo (2014) e Massey (2017), as imagens podem auxiliar, de forma histórica, na elaboração de linhas de raciocínio da geografia socioespacial acerca de determinado povo, cultura, ecossistema etc. Hollman (2014) sugere que façamos uma indagação do visual que considere três dimensões, sendo: a) suporte (a materialidade de onde a imagem é divulgada); b) entorno linguístico (elementos como títulos e legendas que compõem determinada imagem); e c) composição (forma como estes

elementos interagem e se organizam, causando visibilidades e invisibilidades, interrupções, vazios e hierarquias).

A revista *National Geographic* (NG) é uma influente referência mundial de fotojornalismo, e foi eleita como fonte de pesquisa devido ao grande alcance de divulgação de imagens fotográficas associadas a geografias do mundo, com potencial educativo para a geografia. A NG foi criada a partir da *National Geographic Society*, com seu lançamento em novembro de 1888, e foi idealizada em um contexto específico norte-americano, marcado pelo imperialismo e pela preocupação em reforçar o nacionalismo nos Estados Unidos, conforme salienta Baitz (2005). E, desde as primeiras edições da revista, as fotografias da NG “retratam povos que devem ser desvendados pelos olhares ocidentais civilizados” (GOMES, 2013, p. 21), onde o fotógrafo assume o papel do explorador e daquele que aponta a sua câmera para o desconhecido, desbravando novos horizontes. Com isso, os retratados assumem o papel do outro, em uma comunicação midiaticizada e que transforma esse outro em um estranho, estrangeiro e selvagem ao causar estranhamento e admiração.

Assim, a pesquisa aqui apresentada pretende colocar em foco as fotografias de capa do continente americano publicadas na *National Geographic Brasil* (NGB), no período de maio de 2000 a dezembro de 2011. Analisando o dispositivo das fotografias das capas ao longo do tempo, visamos investigar a emergência de racionalidades que promovem uma educação do olhar geográfico acerca deste continente, sobretudo, identificar de que maneira se constrói determinados discursos e narrativas visuais. Com as fotografias sobre o continente americano nas capas da NGB, dispostas para análise histórica, geográfica e temporal, consideramos poder pensar e fazer com dispositivos.

O que vemos (ou não vemos) nas capas da *National Geographic Brasil* (2000-2011)?

A pesquisa com as capas da revista NGB fez uso do material disponível de modo *online* pelo Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A investigação parte de maio de 2000, data da primeira edição brasileira publicada, até dezembro de 2011, com o último periódico da revista nacional disponibilizado no portal até o momento de pesquisa. A última edição impressa no Brasil é de novembro de 2019, contudo, adaptamos o recorte ao período concedido pela plataforma. Entre as 140 capas publicadas no período analisado, quantificamos 26 reportagens fotojornalísticas relacionadas ao continente americano de diferentes temáticas. Iremos nos atentar aos discursos contidos na composição entre a fotografia principal da capa e o elemento textual que a acompanha, bem como a composição entre todos os elementos presentes. A fim de categorizar e suceder com a leitura das fotografias das capas, contemplamos as imagens em mosaico, expostas em sequência cronológica, através da impressão em folhas A4, dispostas sobre a mesa.

Contabilizamos, entre as capas, duas sobre o Peru (especificamente sobre os incas); duas sobre os maias (Mesoamérica, sem citação direta às localidades na capa); treze sobre o Brasil (uma delas inclui apenas a representação de um conhecido jogador de futebol brasileiro na fotografia e uma sobre o bioma da mata atlântica, também presente em solo brasileiro). Além destas, uma capa informa sobre a Patagônia (Argentina e Chile), uma sobre a Colômbia, uma sobre as Bahamas, e seis que abarcam regiões dos Estados Unidos. A partir de um olhar

geográfico, percebemos que a localização geográfica exerce influência na distinção das abordagens e narrativas visuais. Nas capas analisadas, há uma imagem acerca do outro (qualquer país que não seja os Estados Unidos, criadores da revista), em que se direciona o olhar a uma inferiorização ou *déficit* acerca das demais culturas. Inicialmente, o entorno linguístico destes materiais nos faz refletir sobre um distanciamento no sentido de gerar uma separação entre um passado remoto e longínquo para os demais países da América, enquanto o olhar para a cultura estadunidense é direcionado à uma noção de progresso.

Há um apelo em retratar os povos maias e incas, onde não há, no período analisado, outras formas de abordagem e temáticas dos locais em que esta população se originou senão pela perspectiva pré-colombiana, em um passado distante. Ainda, invisibilizam alguns processos, por exemplo, ao tratar em uma edição dos “Maias - apogeu e ruína de um povo”, onde todo o enfoque neste recorte é direcionado ao fato de que foi uma civilização que teve a sua queda - e, inclusive, para sempre. Poderiam ter sido mencionados outros aspectos culturais dos maias nesta manchete? Poderiam optar por valorizar e dar destaque à sua arte, matemática, calendário ou sistema astronômico?

Além disso, as outras localidades da América, em exceção aos Estados Unidos, são colocadas nas capas analisadas em posição de inferioridade. Como exemplo, em outra capa, com o título “Múmias Incas: milhares de corpos são achados numa favela de Lima”, há uma necessidade quase que intrínseca de inserir a localização geográfica dos corpos de múmias incas encontrados em uma favela, considerado este um local desfavorecido economicamente. Caso não informasse que era uma favela, faria diferença na mensagem? A história contada sobre as múmias, não seria suficiente?

Valendo-se das manifestações de Massey (2017), coloca-se uma posição em que há uma narrativa de uma modernização singular, ou um único caminho do progresso linear, em um discurso de desenvolvimento que transforma as diferenças geográficas em lugares na fila da história, abolindo o espaço e transformando-o em tempo.

As menções nas capas com ênfase em espaços estadunidenses se dão em exemplos como: “Nova York: um ano depois”. Nesta capa, a linguagem remete apenas ao que aconteceu após algum fato. Enfatiza, inclusive, uma possível ideia de superação, pois um ano após do tal ocorrido, entende-se que a cidade está em uma situação favorável. A fotografia escolhida é de uma cidade urbana, adensada, com iluminação em ambiente noturno bastante presente. Seria essa a imaginação geográfica que temos acerca de um ambiente civilizado e desenvolvido?

Ainda, podemos tecer reflexões e paralelos acerca da divergência de narrativas entre as referências aos Estados Unidos e demais localidades no sentido de marcar os sujeitos identificados como outros na revista estudada, que se aproximam a uma ideia de exótico, incomum, selvagem, primitivo e/ou intocado. Ao mencionar a Patagônia, a revista evidencia seus atrativos naturais com a imagem de suas montanhas, mas, na construção do imaginário geográfico, adjetiva-a no subtítulo: “rumo ao sul selvagem”. Na imagem, não há nenhum indício humano, é um local intocado. A evolução não chegou ali, sobretudo, se analisarmos o entorno linguístico e a composição entre as outras manchetes que denotam avanço tecnológico na mesma capa da revista. Nas demais manchetes que compõem essa capa, lê-se, por exemplo, as indicações sobre o “Hubble, de novo, expande o universo” e “Quer morar em

Marte? Saiba como na página 22”. O ser humano e a tecnologia alcançaram Marte e o universo, no entanto, o sul da Patagônia é um local selvagem e intocável.

Outro momento em que fica evidente a concepção do outro como exótico, daquele que não é o espelho dos Estados Unidos, é a referência à Colômbia na capa intitulada “Cocaína - o incrível mercado da droga na selva da Colômbia”. A imagem é de uma mata fechada, com a presença de tons militares na vestimenta da mulher retratada na capa enquanto segura uma metralhadora, envolta por cartuchos de balas, em uma eterna guerra contra o narcotráfico. O sensacionalismo do termo “incrível” e a redução de todo um país ao “país da cocaína” são ressaltados nesta edição. Além disso, propaga-se um imaginário de que é uma selva, um local rudimentar e bárbaro. Os elementos textuais também fazem uma singela diferença ao se referir a biomas tropicais da América do Sul. Nesse caso, tomamos como exemplo a escolha editorial que optou por identificar as “pequenas maravilhas da Mata Atlântica”. Nesta edição, a imagem da capa é um pequeno animal (um anfíbio, com sua representação menor do que um olho humano), traçando esse paralelo com o título a partir da referência à fauna, e dando destaque apenas às “pequenas” maravilhas. No entanto, a grandiosidade da Mata Atlântica é subestimada, sobretudo, se compararmos com a escolha editorial de atrativos naturais dos Estados Unidos, como o Atol de Palmyra e o parque Yosemite.

No primeiro exemplo, temos a capa de um território dependente deste país norte-americano, onde se lê “Atol de Palmyra - um tesouro do Pacífico”. O atol, localizado nas ilhas menores distantes dos Estados Unidos, tem a narrativa construída pela revista de que é uma preciosidade ao se referir como “tesouro”. A ilha não é povoada de forma permanente, mas não foi denominada como “selvagem” em seu título, como se passou com as florestas da parte sul de nosso continente. Ainda, temos uma menção ao parque Yosemite com os dizeres “Insano Yosemite - O parque mais radical dos Estados Unidos”. Na capa da revista, a edição chama atenção pois a imagem selecionada é a única, entre o recorte verificado da pesquisa, em que a dimensão da composição na imagem ultrapassa os limites da borda amarela da revista, marca símbolo da NG. A interação entre os elementos e a organização destes formam justaposições e causam uma sensação de hierarquia, conforme salientado por Hollman (2014).

Por fim, um significado de progresso pode ser observado até mesmo quando ocorre um desastre, como na capa que explana sobre “A era dos furacões”, mencionando o furacão Katrina em Nova Orleans, em Louisiana. Aqui, é selecionada uma imagem de satélite, transmitindo uma perspectiva de avanço tecnológico e com determinado controle da situação, ao invés de mostrar as catástrofes e destruição de um furacão em uma cidade, por exemplo. Visto de um ângulo vertical, a escolha editorial apenas com nuvens em formação do furacão não remete a um impacto negativo e comovente, sem precisar evidenciar esse forte apelo à tragédia causada. Se alterada a localidade, qual seria a fotografia priorizada?

Considerações finais

A partir da análise das capas da revista NGB que retratam locais e fotografias do continente americano, identificamos que há um direcionamento do olhar para o que se considera como exemplo de avanço e progresso no que se refere ao modelo estadunidense de desenvolvimento. Em contrapartida, as demais nacionalidades são referidas de modo

inferiorizado por não serem compatíveis a este modelo. Isso é ressaltado nas escolhas editoriais, priorizam o uso de palavras, ângulos, tipos de imagens em detrimento de outras.

O contexto de criação da revista estadunidense, em um período de imperialismo, segue exercendo influência nas capas da revista até os dias atuais. Ainda que a edição brasileira pudesse ter certa emancipação do conteúdo estadunidense, o *modus operandi* e a concepção de imaginários visuais e geográficos é praticado de maneira semelhante nestes dois territórios, por meio das narrativas criadas. Assim como elencado por outros autores, a imagem acerca do outro nas fotorreportagens da *National Geographic Magazine* nos direciona a entender que há uma cultura atrasada, arcaica e, por vezes, exótica e diferente da identidade estadunidense. A modernização é negligenciada nestes países marcados como o outro, ainda que esta modernização tenha ocorrido de outras maneiras, em diferentes trajetórias.

A *National Geographic* possui potencial para o ensino da geografia e um espaço privilegiado nos meios de comunicação de massa, com fotografias que afetam a representação dos leitores sobre outras populações e culturas. Portanto, é relevante e imprescindível averiguar e problematizar quais racionalidades emergem ao retratar fotografias que nos educam geograficamente.

Referências

AZEVEDO, A. Francisca de. Cultura visual: as potencialidades da imagem na formação do imaginário espacial do mundo contemporâneo. **Geografares**, Edição Especial, p. 07-21, jan./ago., 2014.

BAITZ, Rafael. Fotografia e Nacionalismo: A Revista The National Geographic Magazine e a Construção da Identidade Nacional Norte Americana (1895-1914). **Revista de História**, s/l, n. 153, p. 225-250, ago.-out. 2005.

CHAVES, Ana Paula Nunes; POLICASTRO, C. B. . A tirania do visível e suas imaginações geográficas. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 23, p. 354-373, 2021.

CHAVES, Ana Paula Nunes. Ensinar geografia é ensinar a ver? Notas de um exercício com imagens em livros didáticos. **Educação Unisinos** (ONLINE), v. 24, p. 1-12, 2020.

GOMES, Marcelo Salcedo. **A midiaticização do contato nos retratos da National Geographic**. 2013. 192 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2013.

HOLLMAN, Verónica. Los contextos de las imágenes: un gomeitinerario metodológico para la indagación de lo visual. **Espaço e Cultura**, n. 36, p. 61-83, jul./dez., 2014.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. **GEOgraphia**, Niterói, v. 19, n. 40, 2017.